

CLIPPING  
CECÍLIA BEDÊ

ISTOÉ

Artes Visuais

## A psicogeografia do caminhar

**FÁBIO TREMONTE E LAIS MYRRHA - NÃO MAIS IMPOSSÍVEL/ Centro Cultural Banco do Nordeste, Fortaleza/ até 12/2**



Nina Gazire

AddThis Sharing Buttons

[Share to Facebook](#)[Share to WhatsApp](#)[Share to Twitter](#)[Share to Google+](#)[Share to LinkedIn](#)[Share to E-mail](#)



O termo psicogeografia foi definido pelo pensador francês Guy Debord, em 1955, para tratar dos efeitos que o ambiente geográfico opera sobre as emoções e o comportamento dos indivíduos. Inúmeros grupos de psicogeógrafos, compostos por artistas, filósofos e interessados, foram formados em meados das décadas de 1950 e 1960. Suas atividades consistiam em flunar pelas cidades fazendo anotações e desenhos e em recolher materiais que estimulassem os processos poéticos guardados no inconsciente.

A exposição “Não Mais Impossível” reúne trabalhos dos artistas Fábio Tremonte e Lais Myrrha que fazem referência indireta à psicogeografia de Debord. Com curadoria de Cecília Bedê, a exposição conta com oito obras que têm como fio condutor as visões e experiências pessoais dos artistas no ambiente urbano.

Mais que registros das paisagens, o que os artistas pretendem com as obras é mostrar “as marcas e temporalidades da cidade”. Exemplo é o vídeo “Redflag (Walking)” (“Bandeira vermelha – caminhando”), de Fábio Tremonte (foto). Nele, o artista caminha carregando uma bandeira vermelha, atravessando visões fragmentadas dos lugares por onde passou. A bandeira, símbolo usado para a marcação ou conquista de um território, ganha uma

significação diversa de sua função original, ao atravessar diferentes espaços, sem fronteiras perceptíveis. Já na série fotográfica “Uma Biblioteca para Dibutade”, de Lais Myrrha, imagens de uma biblioteca abandonada mostram as marcas das estantes e dos livros que um dia ocuparam aquelas paredes. Aqui outro símbolo é modificado: antes depósito do saber, local onde se buscava o conhecimento, o edifício hoje apenas guarda a ausência da memória de um passado.

Observar esses vestígios que assinalam a passagem do tempo é herança do poeta Charles Baudelaire e de seu vagar sem destino pelas ruas da Paris do século XIX e é algo com o que a arte e o homem lidam desde o início dos tempos.

FILTRO GEOGRÁFICO\_

países\_ estados / províncias\_ cidades\_

seleccione\_

filtre por país e/ou estado e/ou cidade  procure por estados e cidades pelos seus nomes locais

POR EVENTOS EM ANDAMENTO\_  POR EVENTOS NO HISTÓRICO GERAL\_

limpar buscar

EVENTO\_

Fábio Tremonte e Lais Myrrha - *Não mais impossível*



Curadoria de Cecília Bedê

lançamento\_ 12/01/2012, quinta-feira, 18h  
exposição\_ 13/01/2012 a 17/02/2012

"Não mais impossível" apresenta obras de Fábio Tremonte e Lais Myrrha que apreendem imagens que questionam as relações de tempo e espaço em contextos diversos e nosso entorno. As obras reunidas nessa exposição realçam limites e propõem ações que os superam, assim como, quebram com uma idéia de impossibilidade.

segmento\_ vídeo, intervenção, fotografia

local\_  
Centro Cultural Banco do Nordeste  
Rua Conde D'Eu 590 - Centro  
Fortaleza / Ceará / Brasil  
55-85-3464-3108  
55-85-3464-3177  
cultura@bnb.gov.br  
www.bnb.gov.br/cultura

horários\_  
Terça a sábado, 10-19h

matéria enviada por\_ Cecília Bedê

Compartilhar

- AGENDA\_
- E-NFORMES\_
- ARTE&AÇÃO\_
- PORTFOLIOS\_
- LIVRARIA\_
- SOBRE O CANAL\_

# ACERVO ABERTO OBRA ABERTA

CURADORIA:  
BITÚ CASSUNDÉ, CECÍLIA BEDÉ E LARA VASCONCELOS

## NOVEMBRO/2013

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO CEARÁ  
RUA DRAGÃO DO MAR 81, PRAIA DE IRACEMA / FORTALEZA - CE

### PISO SUPERIOR

#### CONSTRUIR ESPAÇOS

Adolfo Monteiro Navas  
Luiz Hermano  
Eduardo Frota  
Felipe Barbosa  
Fernanda Amalfi  
Paulo Climachauska  
Sandra Tucci  
Teresa Berlinck  
Mabe Bethônico  
Monica Barki

#### CRÔNICAS DO DEVIR

Ana Maria Tavares  
Armando Queiroz  
Cláudia Sampaio  
Orlando Maneschky  
Shirley Paes Leme  
Vitor Mizael  
Waléria Américo

### PISO INFERIOR

#### TEMPOS, CRÔNICAS E MODERNIDADES

Antônio Bandeira  
Aldemir Martins  
Chico da Silva  
Gilberto Cardoso  
Heloisa Juaçaba  
Nino  
José Tarcísio  
Sérvulo Esmeraldo



Instituto  
Dragão do Mar



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria de Cultura



**MAC Dragão do Mar**

Página curtida · 21 de novembro de 2013 · Editado

Em exibição no MAC CE, ACERVO ABERTO OBRA ABERTA é uma série composta de três exposições que trazem a coleção do MAC para o contato com o público.

Em "Crônicas do Devir" foram destacadas as doações mais recentes, feitas por artistas de diversas cidades do Brasil, em 2013. Em "Construir Espaços" apresenta-se um recorte de obras que vai da escultura à instalação, permeando o objeto, e a gravura. "Tempos Crônicas e Modernidades" é uma exposição com obras de artistas cearenses que fazem parte da coleção do MAC e do Governo do Estado, ambas abrigadas na reserva técnica do museu. Nas obras expostas nesse bloco, o conceito de modernidade se apresenta.

É de grande importância para o MAC-CE fazer circular as obras de seu acervo, para o público é essencial esse descobrimento e apropriação.

VISITAÇÃO:

Terça a quinta, das 9h às 18h30.  
Sexta a domingo, das 10h às 19h30.

Acesso gratuito.



Escreva um comentário...



**U**

# UNIFOR NOTÍCIAS

NÚMERO 260  
FEVEREIRO DE 2017



Busca

## Raridades da literatura mundial na Biblioteca de Acervos Especiais da Unifor



Nacionalmente reconhecida como uma das maiores fomentadoras da apreciação da arte, a Universidade de Fortaleza, ao longo dos anos, trilhou um sólido caminho de estímulo às manifestações artísticas e à cultura. Seguindo esse caminho, a Fundação Edson Queiroz colocou à disposição do público em geral a Biblioteca de Acervos Especiais. Localizada no primeiro piso da Reitoria da Unifor, a biblioteca abriga um acervo composto por cerca de 7 mil volumes, divididos por assuntos como Literatura, Artes, História do Ceará, Biografias, Direito, entre outros.

De acordo com a curadora responsável pela biblioteca, Cecília Bedê, o local é dividido em dois espaços. O primeiro recebe exclusivamente os livros correspondentes à parte da biblioteca particular de Francisco Matarazzo Sobrinho, o Ciccillo Matarazzo, um dos principais mecenas da história do Brasil e fundador do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP) e criador da Bienal Internacional de São Paulo. Ao todo, são mais de 3 mil exemplares. Já a segunda sala abriga demais livros adquiridos pela Fundação Edson Queiroz, além de doações. “Eles são considerados especiais, pois se diferenciam de alguma forma. São raros, pela encadernação, pela data, pelo autor ou mesmo pelo histórico da coleção, quem era o colecionador ou o organizador, por exemplo”, explica Cecília.

Dentro da rara coleção de livros que pertenceu a Ciccillo Matarazzo é possível encontrar a primeira edição, datada de 1750, da “Opere Varie di Architettura”, de Giovanni-Batista Piranesi, considerado o maior gravador do século 18. A obra traz a série completa de gravuras dos cárceres de Roma. Também presente está a primeira edição, de 1835, da “Malerische Reise in Brasilien”, do ilustrador alemão Moritz Rugendas. O volume é composto por 100 litografias que retratam características físicas, hábitos e costumes da população brasileira. Edições assinadas por modernistas como Marc Chagall e Max Ernst também compõem a coleção. Também merecem destaque “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego, com ilustrações originais de Cândido Portinari. O álbum “Miserere”, do artista Georges Rouault, com 58 litografias de grandes dimensões e “As Vidas dos Pintores, Escultores e Arquitetos”, de Giorgio Vasari, pintor e arquiteto italiano conhecido principalmente por suas biografias de artistas italianos. Outra presença importante para a composição é a coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos, formada pelos 23 volumes realizados na época, o que a torna completa.



“Estes livros contêm algo de artístico, como uma ilustração ou uma encadernação mais antiga e trabalhada com iluminuras. Há livros de história em que as ilustrações são feitas com pigmento de ouro. Livros com aquarela feita à mão, com gravuras originais. Isto é, todo o acervo está voltado para a arte”, conta Cecília Bedê.

Já no restante da biblioteca estão presentes livros raros como Dante con L'espositioni di Christoforo Landino (1578); Geschichte in Brasilien (Maurício de Nassau), de Gaspar Barleus (1659); Castrioto Lusitano, de Raphael de Jesus (1679), além de livros especiais de Direito. Outros destaques são as publicações do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1840 a 1964; o Arquivo da História do Ceará organizado por Thomaz Pompeu Gomes de Matos; e o acervo de Francisco Pati, escritor, advogado e conselheiro da Bienal Internacional de São Paulo.

“Visitar a Biblioteca de Acervos Especiais e se debruçar sobre seu acervo é como descobrir tesouros sucessivamente, um após o outro. A diferença é que esses tesouros não estão escondidos, tudo está ao alcance de quem se dispuser a explorá-los. O valor artístico e histórico das obras aqui reunidas se deve não só ao talento de seus autores ou editores, nem apenas ao período em foram produzidas, mas principalmente à beleza e riqueza de conteúdo que apresentam. Uma dica: quando visitarem, peçam para ver o livro de Dom Quixote ilustrado por Salvador Dalí; é divino”, sugere o chefe da Divisão de Arte, Cultura e Eventos da Unifor, prof. Thiago Braga.

CAMINHANDO 24/04/2013

## Coletiva em cartaz no CCBNB-Fortaleza

notícia 0 comentários

[Kukukaya Pedacos do Nordeste \(0\)](#) [MÚSICA Uma vida em canções \(0\)](#) [Programe-se! \(0\)](#)



Com curadoria do Grupo de Estudos Processos de Curadoria, o Centro Cultural BNB-Fortaleza (Centro) encontra-se em cartaz com a mostra intitulada Caminhando até o dia 17 de maio.

A coletiva resulta de encontros e discussões do grupo e apresenta ao espectador questionamentos a respeito do corpo e suas potencialidades. Entre os artistas participantes, estão Rodrigo Braga (foto) e Solon Ribeiro.

### SERVIÇO

#### Exposição Caminhando

**Quando:** até o dia 17 de maio, sempre das 10 às 20h (terça a sábado).

**Onde:** Centro Cultural Banco do Nordeste-Fortaleza (rua Floriano Peixoto, 941 - Centro).

Visitação gratuita.

**Outras info:** 3464 3108.

## Mostra destaca trabalho de curadores de artes visuais

00:50 · 29.04.2013

Filha da criação contínua do Grupo de Estudos Processos de Curadoria do Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB), a exposição "Caminhando" está em cartaz na sede equipamento em Fortaleza até o dia 17 de maio e pretende discutir a presença do corpo no espaço artístico.



*Obras do acervo do CCBNB compõem mostra coletiva em cartaz na sede de Fortaleza*

Inaugurada na semana passada, a mostra ultrapassa a esfera corporal e busca promover uma reflexão sobre a atuação dos curadores no contexto cultural. "Caminhando", título emprestado da obra da artista mineira Lygia Clark (1920-1988), é a primeira exposição resultante dos encontros e discussões do grupo de estudos coordenado pela pesquisadora Cecília Bedê.

A discussão sobre a presença do corpo na arte não é recente. Desde os anos 1950, experiências estéticas nesse campo são faladas e registradas em âmbito nacional. Após observar que a relação comum entre a maioria das obras que mobilizavam o grupo de estudos eram, sobretudo, corporais, os integrantes se depararam com uma dúvida: o que poderia ser absorvido como novo diante desse contexto?

**Provocação**

A provocação da professora paulista Suely Rolnik no texto "Afiml, o que há por trás da coisa corporal?" (2005) solucionou o impasse. A autora ressalta as produções artísticas contemporâneas que evocam a "coisa corporal", como a imagem e a literalidade, mas não o corpo em si. "Que trabalho de arte está realmente falando sobre corpo e não sobre corporal?", indaga Cecília.

Os curadores alargam a compreensão, mas não entregam respostas prontas. "Não estamos definindo o que é corpo ou corporal, jogamos para o público essa questão. A gente preferiu não afirmar o corpo, mas sim questioná-lo na arte", afirma a pesquisadora.

As obras expostas que integram o recente acervo do CCBNB são dos artistas brasileiros Amanda Melo, Carlos Melo, Cristiano Lenhardt, Filipe Acácio, Gaio Matos, Juliana Notari, Marina de Botas, Nino Cais, Rodrigo Braga, Solon Ribeiro, Waléria Américo e Yuri Firmeza. Todas as produções contêm, insinuam ou convocam outros corpos, de acordo com o grupo.

Nesse encontro, aparentemente aleatório, um convite surge: desvendar.

## **Curadoria**

Criado por Cecília Bedê em outubro do ano passado, o Grupo de Estudos Processos de Curadoria surgiu do desejo da pesquisadora de compartilhar experiências na área. De acordo com ela, atualmente o curador exerce várias funções, mas a principal delas é ser mediador entre o artista e o espectador.

"O curador é um pesquisador em arte. Ele tem o contato inicial com a produção artística e vai além. Na prática, ele realiza a comunicação entre a obra de arte e o público. Uma crítica é que ele acaba direcionando o olhar. Na minha opinião, um bom curador deixa a ideia aberta, sem fechar uma linguagem ou uma resposta. Ele deve fazer com quem as pessoas olhem um trabalho e se perguntem, se questionem", afirma a pesquisadora.

## **Retrato do percurso**

A rotina do grupo de estudos também é retratada em "Caminhando", segundo Cecília. "Na exposição temos uma sala que simula nosso local de estudos, com um monitor exibindo os vídeos que assistimos nos encontros e outro com imagens de nossas conversas no grupo secreto no Facebook".

O grupo de estudos em curadoria do CCBNB é formado por Bia Perlingeiro, Clara Machado, Juliana Castro, Kennedy Saldanha, Lara Vasconcelos e Mel Andrade, além da própria Cecília Bedê.

De acordo com a pesquisadora, o grupo planeja uma nova ação ligada à mostra. A ideia é lançar, em breve, uma publicação que inclui textos dos integrantes falando sobre a montagem da exposição e o registro do trabalho desenvolvido por eles.

### **Mais informações**

Exposição coletiva "Caminhando" no Centro Cultural Banco do Nordeste (Rua Floriano Peixoto, 94, Centro). Em cartaz até o dia 17 de maio. Horários de visitação: de terça-feira a sábado, de 10h às 20h.

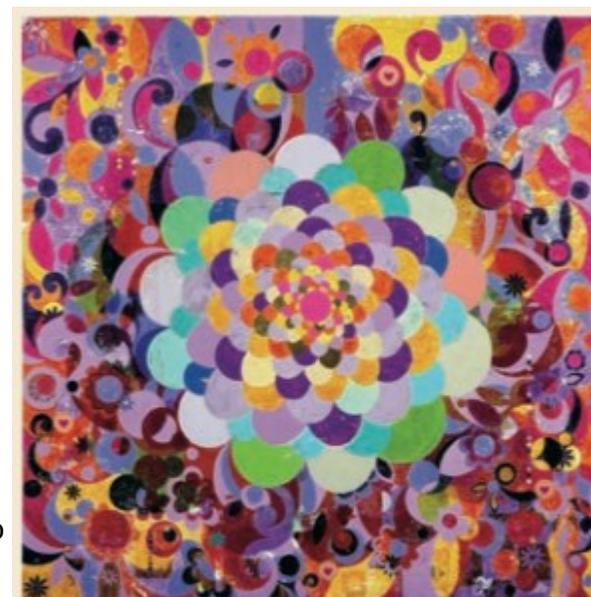
Gratuito. Contato: (85) 3464.3108



## **Coleção de Motivos: as cores de Beatriz Milhazes no Espaço Cultural Unifor**

A artista expõe cerca de 50 obras, entre pinturas, colagens, gravuras e instalação. A abertura acontece no dia 26.

O Espaço Cultural Unifor recebe, de 27 de fevereiro a 24 de maio, a exposição Coleção de Motivos, da pintora, gravadora e ilustradora Beatriz Milhazes. Coleção de Motivos reunirá um conjunto aproximado de 50 obras, entre pinturas, colagens, gravuras, além de uma obra tridimensional em grande escala. As obras pertencem a acervos diversos, seja da Fundação Edson Queiroz, seja da própria artista, além de



**BEATRIZ MILHAZES**  
coleção de motivos

outras coleções públicas e particulares.

Conhecida por sua obra em cuja cor é um elemento onipresente, mesclada entre abstrações geométricas, colagens, justaposições e sobreposições, Beatriz utiliza, em muitas delas, uma técnica peculiar, a minotipia, em que prepara imagens sobre plástico transparente, que são descoladas e aplicadas em tela por meio de decalque. A artista mistura ainda embalagens, adereços de carnaval e outros materiais que remetem à cultura popular, num desenho único, mas que ao mesmo tempo se repete.

“Ainda na década de 80 suas obras estabeleciam padrões de repetição a partir de recortes e montagens de tecidos, que reorganizavam os florais da estamparia popular. Em sua pesquisa plástica, decidiu desenvolver seus próprios motivos, que convivem com muitos apropriados da cultura popular, do design e de símbolos da cultura de massa”, explica a curadora da exposição, Luiza Interlenghi.

O recorte da exposição, focado em um jogo, sempre diferente, de repetições de motivos – florais, listrar, arabescos – apresenta referências marcantes nas grandes linhas poéticas da artista. “A exposição destaca a importância e o experimentalismo desses processos seriais de reutilização e criação de padrões em todo o percurso da artista, assim como em sua recente produção tridimensional”, continua Luiza Interlenghi.

“Aderindo ao processo de trabalho da artista, em que cada composição resulta de um jogo inédito de cores e motivos, o projeto curatorial propõe uma seleção de trabalhos, guiada pelas linhagens desses motivos e que segue a pauta do ritmo intenso de suas cores. Coleção de Motivos tem o objetivo de rastrear o curso mais profundo das repetições e diferenças que brilham na tensa superfície de suas pinturas, colagens, gravuras e instalações”, finaliza a curadora.

“As exposições que realizamos no Espaço Cultural trazem linguagens, influências, estilos os mais diversos, mas todas com algo em comum: sempre é algo de impacto. Desta vez apreciamos o recorte da obra de uma das artistas plásticas brasileiras mais renomadas no país e no exterior de todos os tempos. A presença de Beatriz Milhazes na Unifor reforça a maturidade alcançada pela Fundação Edson Queiroz na seara das artes visuais, cujo reconhecimento se estende aos principais ambientes de arte do Brasil e tende a ganhar o mundo. Nossa expectativa é que o colorido vibrante das pinturas de Beatriz gere uma alegria, um astral bonito na Universidade como um todo e particularmente em cada visitante”, aponta o chefe da Divisão de Arte, Cultura e Eventos da Unifor, prof. Thiago Braga.

## **PROJETO EDUCATIVO**

Estender o acesso à cultura a toda a comunidade cearense é uma preocupação constante da Unifor. Dentro dessa proposta, o Projeto Educativo será realizado durante a exposição Coleção de Motivos. A ideia é estimular o conhecimento, a cultura e a arte através de visitas orientadas e outras atividades.

Para a arte-educadora e **coordenadora do projeto, Cecília Bedê**, “ações educativas em espaços de exposição podem e devem agir não só como lugar de transferência e recepção, mas também de pensamento, atuação política e de transformação de contextos sociais. São espaços ativos para o fortalecimento de ideias e crenças, dando espaço para a individualidade e o debate no coletivo”.

De acordo com Cecília, as visitas orientadas se dividem em grupos agendados e o público espontâneo. “É no momento da visita que o mediador fará a contextualização do conteúdo da mostra para o visitante. A abordagem a ser trabalhada deve priorizar a experiência do visitante no diálogo com as obras”.

Além das visitas orientadas, o Projeto Arte-Educação prevê ainda um espaço ateliê para a experimentação da técnica utilizada por Beatriz Milhazes na produção de suas obras.

“O ateliê será o espaço onde se conclui o processo de mediação da relação entre os grupos escolares, a exposição e a obra da artista. Isso se dá no contato com a prática e a técnica utilizada por ela. É o espaço da experiência corporal”.

## **SERVIÇO**

### **Beatriz Milhazes – Coleção de Motivos**

De 27 de fevereiro a 24 de maio, no Espaço Cultural Unifor.

Abertura, dia 26 de fevereiro, às 20h.

No dia 26, às 9h, haverá uma palestra com Beatriz Milhazes e a curadora Luiza Interlenghi, no Teatro Celina Queiroz.

# Arteiros encontram artistas

Por Patrícia Patrício e Luiz Fukushiro



“O que é Tarsila?” “Isto é real?” Interrogações como essas permearam a visita de um grupo infantil, formado por seis alunos, entre 5 e 7 anos, da escola Pra Gente Pequena, em São Paulo, a exposições em cartaz na cidade. Do menu cultural, explorado em três dias, constaram Tarsila, na Pinacoteca do Estado; BrasilDesFocos [O Olho de Fora] e as individuais de Débora Bolsoni e Maria Nepomuceno, no Paço das Artes; o acervo permanente do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP); e *Looks Conceptual* ou *Como Confundi um Carl André com uma Pilha de Tijolos*, na Galeria Vermelho. No encontro com as obras, as surpresas, agrados e desagradados dos pequenos.

## Reinações com Tarsila

Manhã de quinta-feira, 7 de fevereiro. **A educadora Cecília Bedê, da Pinacoteca do Estado**, esclarece a dúvida: “Tarsila é uma artista que viajou muito...”. E Rafaella Perrone, uma das crianças do grupo, fica de olho num traço similar ao Pão de Açúcar: “Ela foi ao Rio de Janeiro? Eu já”. Rua de Paris (1924) desperta uma conversa filosófica entre as pequenas Chiara Donangelo (“Não parece real, não estou entendendo”) e Cecília Sales (“Achei real, e estou entendendo, acho que é uma favela...”). São Paulo (Gazo), outra obra da artista, de 1924, mostra uma cena familiar. “É São Paulo porque está escrito carro!”, solta Chiara, sem pensar direito no que leu. Ian Hatty, colega de primeiro ano da menina, corrige: “Está escrito gazo”, e Chiara: “Ora, carro em outras línguas é diferente!”. A educadora indica, “hoje São Paulo é um pouco diferente”, e Rafaella quer saber: “Eles estão trabalhando numa fábrica? Eu já vi uma chaminé bem grossa que solta um monte de fumaça...”.

As proporções de *O Vendedor de Frutas* (1925) causam espanto a Chiara: “Ele tem um cabeção... e no mar como ele pode vender? Só se for para os peixes”. Ian emenda: “Assim, ele vai se molhar”. Cecília completa: “Parece que ele passou batom”. Sayuri Kobayashi, muito tímida, finalmente fala: “O abacaxi está maior...”, e todos riem. O ponto alto da visita está por chegar: “Olha ali o peito dela!”, Chiara mostra *A Negra* (1922). “Tem o pé igual ao do meu pai, ele é um gigante”, continua Rafaella. “Ela não tem orelha?”, quer saber Ian. “Ela é careca”, observa Sayuri. “É carioca”, conclui

Rafaella, depois de arriscar que *A Negra* nasceu na Europa ou no Brasil. Ela já pula para o *Abaporu* (1928): “barrigão, joelhão, pezão, bundão...”, ao que Ian vem: “E o chulé?”, enquanto Sayuri quer saber: “O que é abaporu?”. Seu amigo responde assim: “Ele come todo mundo, braaaagh!”.

Cecília Bedê convida as crianças a imitar a postura do *Abaporu* e de *A Negra* como em *Antropofagia* (1929). “Eles estão se comendo?”, Ian quer saber de Chiara, que responde: “Eles podem se comer porque ela está forte; e ele, magrinho...”. É perto do meio-dia, hora de almoço para as crianças, que reclamam de cansaço, fome e vontade de ir ao banheiro. No entanto, tudo passa quando vêem *O Sono* (1928): “São pessoinhas?”, perguntam. E Rafaella, fã de dinossauros, responde: “Não, são ossos! Osso de dinossauro”. Ian vê na pintura espelhos, e Chiara, buscando sempre algo concreto, diz: “O coqueiro é real”.